



Mayombe

Artur Carlos Maurício
Pestana dos Santos (Pequetela)

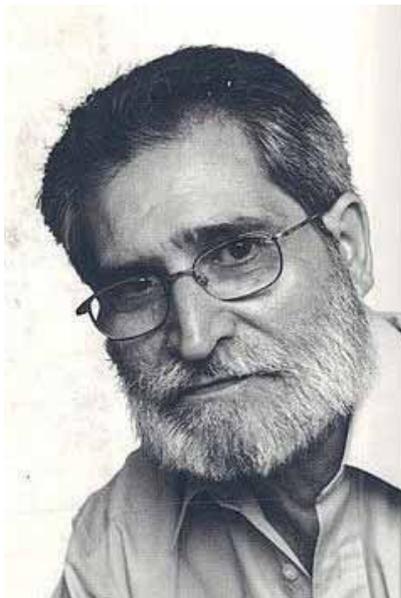


L&C
ENTRE
ASPAS

Autor

Pepetela

Bibliografia



Um dos maiores nomes da literatura angolana, **Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos**, mais conhecido como **Pepetela**, nasceu no dia 29 de outubro de 1941, em Angola, na região litorânea de Benguela. Sua família tinha raízes fincadas entre os colonos deste país da África, porém seus pais já eram angolanos de nascimento.

Pepetela realiza seus primeiros estudos, o Primário e parte do Secundário, em sua terra natal, onde permaneceu até 1956. Logo depois partiu para Lubango, pois só aí teve a possibilidade de completar seus estudos, no Liceu Diogo Cão, seguindo posteriormente para Lisboa, com o objetivo de cursar o Instituto Superior Técnico.

Na capital portuguesa, ele também integrou a Casa dos Estudantes do Império, principiando desta forma sua trajetória política e literária. Entre outras atividades, ele se torna um dos criadores do Centro de Estudos Angolanos, o qual integra enquanto representante do MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola.

Em 1960, o futuro escritor entrou na Faculdade de Engenharia, mas logo em seguida optou por Letras, para depois de um ano decidir-se pela carreira política, ingressando, em 1963, no MPLA. Esta escolha subverteria completamente seu futuro, pois as experiências conquistadas no testemunho direto da história angolana inspirariam sua obra e sua própria trajetória existencial.

Durante algum tempo, Pepetela é obrigado a buscar abrigo na França e na Argélia. Mas após a tão desejada libertação de Angola, o romancista retorna, em 1975, para seu país, assumindo o cargo de vice-ministro da Educação, sob a liderança do presidente Agostinho Neto.

Ele acaba se licenciando em Sociologia na Universidade de Argel, o que lhe permite, após a deserção do caminho político, optar pela docência na Faculdade de Arquitetura de Luanda. A partir de então, ele passa a ministrar aulas e, ao mesmo tempo, a desenvolver sua carreira literária, a qual somente ganha impulso depois da Independência.

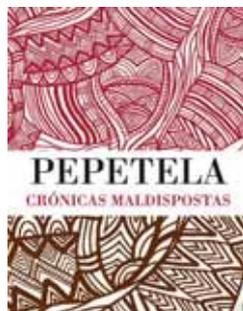
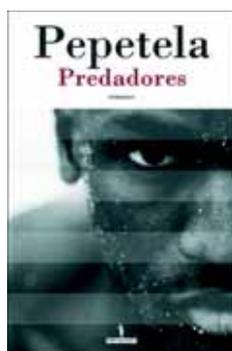
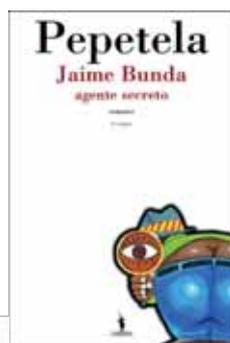
Boa parte de sua obra só foi lançada depois de seu retorno do exílio. Entre seus livros mais importantes estão *Muana puó* (1978), *As aventuras de Ngunga* (1976), *Mayombe* (1980), *A geração da utopia* (1992), *Parábola do cão velho* (1996), *A gloriosa família* (1997). O conteúdo deles gira especialmente em torno da história de

seu país, tanto a mais distante, quanto a recente trajetória social e política.

Pepetela atinge o auge de sua carreira literária em 1997, quando conquista o Prêmio Camões, um dos mais renomados e desejados pelos escritores que professam a língua portuguesa, pela totalidade de sua produção. Antes disso, porém, já recebera o Prêmio Nacional de Literatura de Angola pela obra *Mayombe*. Este reconhecimento o consagra como um nome significativo da literatura contemporânea do idioma português.

O autor africano permanece até hoje em Lisboa. Em seu currículo constam também lideranças importantes na esfera cultural, principalmente na União dos Escritores Angolanos e na Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde

OBRAS



Livros de Romance:

- 1976 – As aventuras de Ngunga
- 1978 – Muana Puó
- 1980 – Mayombe

- 1985 – O cão e os caluandas
- 1985 – Yaka
- 1990 – Lueji
- 1992 – Geração da utopia
- 1995 – O desejo de Kianda
- 1996 – Parábola do cágado velho
- 1997 – A gloriosa Família
- 2000 – A montanha da água lilás
- 2001 – Jaime Bunda, agente secreto
- 2003 – Jaime Bunda e a morte do americano
- 2005 – Predadores
- 2007 – O terrorista de Berkeley, Califórnia
- 2008 – O quase fim do mundo
- 2008 – Contos de morte
- 2009 – O planalto e a estepe
- 2011 – A Sul. O sombreiro
- 2011 – Crônicas com fundo de guerra
- 2013 – O tímido e as mulheres
- 2016 – Se o passado não tivesse asas

Peças

- 1978 – A corda
- 1980 – A revolta da casa dos ídolos

Crônicas

- 2015 – Crônicas maldispostas

CONTEXTO



Antes mesmo da Independência de Angola em 1975, já nasceu a literatura angolana. Porém, em torno de 1950 nasce o projeto de uma ficção que garantisse ao homem africano o estatuto de soberania e então foi gerado o movimento *Novos Intelectuais de Angola*. Essa literatura quase sempre traz muito realismo em suas imagens do preconceito, da dor causada pelos castigos corporais, do sofrimento pela morte dos entes queridos e da exclusão social.

A palavra literária desempenhou em Angola um importante papel na superação do estatuto de colônia. Presente nas campanhas libertadoras foi responsável por ecoar o grito de liberdade de uma nação por muito tempo silenciado, mas nunca esquecido. O angolano vive, por algum tempo, entre duas realidades, a sociedade colonial europeia e a sociedade africana; os seus escritos são, por isso, os resultados dessa tensão existente entre os dois mundos; um com escritos na nascente da realidade dialética, o outro com traços de ruptura.

APRESENTAÇÃO

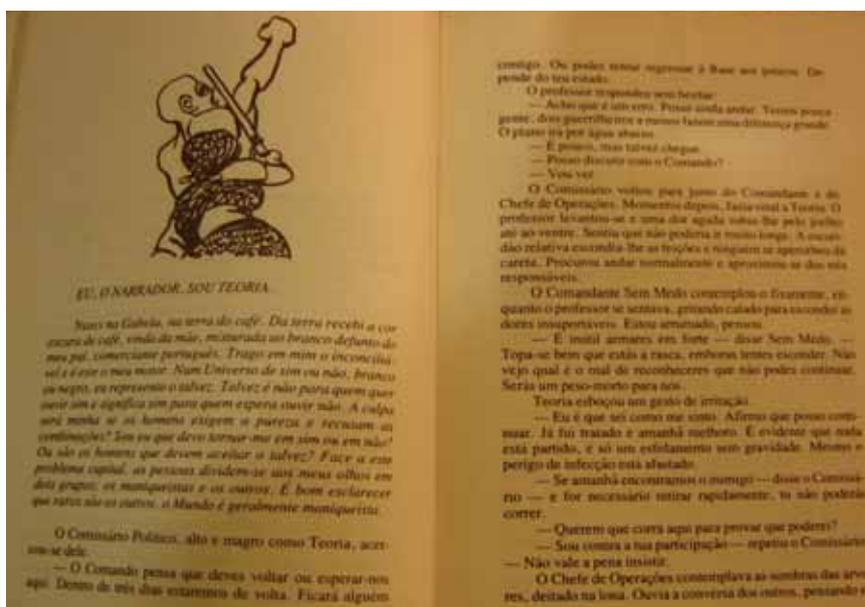
Mayombe diz respeito a um exílio comunitário e, ao mesmo tempo, singular, onde cada um vive o seu e também vive o do outro, tendo uma permuta de experiências moradas e uma aquisição de conduta e caráter para a formação de tais indivíduos. O livro *Mayombe*, em geral, gira em torno de Sem Medo, o comandante da Guerrilha, e é nele que se foca o real exílio geográfico e principalmente o sentimental. Sendo esse exílio geográfico algo que pode derrubar a vida de uma pessoa, ele, Sem Medo, trabalha para contornar essa dificuldade.

TEMAS E PRINCIPAIS CONFLITOS

A vida, durante a guerrilha na Guerra de Independência de Angola é relatada por Pepetela sob os pontos de vista de vários combatentes, expondo aspectos psicológicos que carregam o conflito adiante. Faz um registro histórico da formação do país, mas também faz crítica ao movimento revolucionário, revelando:

- casos de machismo;
- questões de racismo;
- corrupção;
- etnia;
- revolução;
- independência;
- socialismo;
- língua portuguesa;
- espaço geográfico;
- exploração da colônia.

FOCO NARRATIVO E LINGUAGEM



Estilo: linguagem fluida, leve e correta.

Narrador: em 1ª pessoa, por meio dos personagens que fazem relatos de suas experiências pessoais e em 3ª pessoa, em que o próprio autor, através de suas experiências, expõe as mazelas e os desafios de pertencer a um grupo guerrilheiro.

ESPAÇO

Mayombe é uma floresta tropical situada na região norte da Província de Cabinda, com fronteira com o Congo Brazzaville e a República Democrática do Congo. Apresenta uma densa vegetação com árvores frondosas e de grande valor econômico. No livro de Pepetela, serve de pano de fundo para os guerrilheiros que lá encontram seus sustentos quando a comida demora a chegar em seus abrigos. Entre os guerrilheiros e a floresta existe uma interação simbiótica. Mayombe constitui uma espécie de extensão da luta representada pela libertação de Angola em oposição a outros espaços ocupados pelos portugueses (os tugas).



PERSONAGENS

Estrutura do grupo guerrilheiro de Mayombe: os guerrilheiros são conhecidos pelos seus codinomes (ou suas funções)



Teoria: a primeira personagem desse processo polifônico, nascido na Gabela, é filho de mãe negra e pai branco. O fato de ser mestiço o incomoda e, por isso, vê na guerrilha um modo de expurgar esse “pecado original”.

Milagre: é a segunda personagem a se apresentar. Ele pertence a uma determinada tribo, com hábitos e tradições distintas dos demais. Mesmo participando do mo-

vimento, ainda não rompeu com os traços de sua origem.

Mundo Novo: no processo polifônico, Mundo Novo é o terceiro a ter voz na narrativa. Indispõe-se com Comandante, não chegando a entender perfeitamente o pensamento e o modo de agir de Sem Medo, a quem chama de “pequeno-burguês com traços anarquistas”. Como marxista-leninista, se diz não egoísta e acredita que só as massas constroem a História, sem diferenças de cor ou origem.

Muatiãnvua: é outro personagem a tomar a voz na narrativa. Filho de um mineiro, que morreu tuberculoso logo após seu nascimento, caracteriza-se por ser destribalizado, acredita em uma revolução por e para Angola inserida em um contexto mais amplo, a África. Sente-se marginalizado, “posto de lado”. Exerceu várias atividades – marinheiro, contrabandista, ladrão – antes de ingressar na guerrilha. Para ele, todas as imagens se resumem no brilho do diamante, maior riqueza mineral do país.

André: comandante administrativo de Dolisie. É relapso e desvirtuado. Comete deslizes de todas as ordens, o que põe em dúvida não só sua integridade moral como seu papel de líder. Rivaliza com Sem Medo, não percebendo as intenções do comandante da base de Mayombe, mas acreditando que ele faz de tudo para assumir o seu lugar. Seduz Ondina, noiva do Comissário, e é pego em flagrante. É punido com a perda do cargo que desempenhava e removido para outro lugar, mas acredita que tudo não passou de um golpe.

Ondina: é professora em Dolisie. Noiva do Comissário, não tem com ele uma afinidade sexual e entrega-se a André e depois ao Comandante. No entanto, ama o Comissário e divide esse amor com o Comandante. Ela desiste de ter uma vida ao lado do Comissário e termina tudo antes de ser transferida para outro reduto. Entrega-se ao Comandante nutrindo por ele um misto de amor, desejo e proteção. Representa a mulher que transforma o meio e as pessoas com quem convive.

Lutamos: único do grupo originário da região de Cabinda, precisa provar a todos os companheiros que não é traidor. Ele e Sem Medo guerreiam juntos há mais de dez anos. Destemido e corajoso como o Comandante.

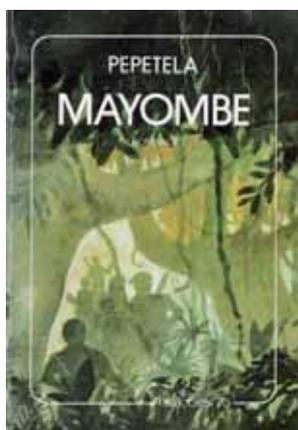
Comissário: tem 25 anos e é dez anos mais novo que o Comandante. Escreve a última interferência em primeira pessoa, no epílogo. Acredita que guerra popular “não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que tem.” Vai crescendo no

seio do movimento, passando por uma “dolorosa metamorfose”. Quando da morte de Sem Medo, reconhece que Este é Ogum, o Prometeu africano.

Sem Medo: a imagem desse guerrilheiro é construída a partir das referências feitas a ele nos escritos em terceira e primeira pessoas. Ele não assume a primeira pessoa no livro. Sem Medo faz parte da tribo Kikongo, é o mais doutrinado e politizado do grupo e responsável por passar sua ideologia aos demais. Abandonou o curso de Economia em 1964 para ingressar na guerrilha. É responsável por fazer as reflexões sobre o Partido, a ideologia, os indivíduos comandados e as ações a serem executadas. Lúcido e pragmático, age orientando, ensinando e expondo seus ideais revolucionários. No entanto, seu pragmatismo exige luta armada e seu ideal é uma sociedade igualitária, de facção marxista, em que o homem não explorará o homem. Sem Medo acredita que a revolução é percurso para atingir um fim, não importando os meios para a obtenção dos resultados.

RESUMO DA OBRA

Capítulo 1 – A Missão



Mayombe, uma selva densa, é explorada por 14 membros do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), que luta contra o colonialismo português. Eles têm como objetivo atacar exploradores de madeira da região. Filho de uma mulher negra com um comerciante português, Teoria, o professor, é um mestiço. Ele traz este dilema em si, um mundo que divide negros e brancos, ele busca a aceitação dos que não são como ele. Ao atravessar o rio Lombe, o professor escorrega numa pedra e machuca seu joelho. O Comando sugere

que Teoria aguarde o grupo cumprir a missão enquanto se recupera, mas o professor se diz forte e pronto para seguir em frente. O Comissário continua sendo contra, porém o Comandante entende que Teoria tem uma motivação especial para não ceder e o Chefe de Operações concorda com ele.

Para poder sentir-se reconhecido como parte do grupo, já que Teoria não é um grande guerrilheiro, ele insiste em participar das operações. Discutindo os planos para o ataque, o Comandante e o Comissário divergem na estratégia. Sem Medo defende que o assunto seja decidido pelo Comando, mas o Comissário alega que o Chefe de Operações sempre concordava com a proposta do Comandante, sendo inútil a discussão. Sem Medo sugere que o camarada agia assim por desejar tomar o posto do Comissário, mesmo sendo eles oriundos de uma mesma tribo. O Comissário não concorda que ainda haja tribalismo entre os guerrilheiros. O ideal da formação política é que os camaradas não se reconheçam como parte de uma ou outra tribo.

Lutamos reclamou sobre uma proposta do Verdade, que pretendia fuzilar todos os trabalhadores da extração de madeira. Muatiãnvua disse que Lutamos só tinha aquela postura pois os trabalhadores eram da mesma tribo que a sua, dos cabindas, e que qualquer angolano que não estivesse com os guerrilheiros deveria ser considerado inimigo. O Comissário Político, entretanto, determinou que nenhum homem do povo deveria ser fuzilado e o Comandante comentou que Muatiãnvua estava brincando, com sua postura extremista – o que era verdade.

Ao seguir pela selva o grupo ouviu o ruído de uma serra. Todos pararam, com exceção de Lutamos, que andava distraído, pensando no que o camarada Verdade havia lhe dito e em como era difícil convencer a população a se aliar aos guerrilheiros. Por isso, os homens achavam que Lutamos seguia em frente para alertar os trabalhadores a fugirem, mas ao ser chamado o camarada distraído retornou. Foram avistados dois grupos de trabalhadores: um com machados apenas e outro com uma serra, sendo acompanhados por um caminhão, guiado por um português, e um trator. Sem Medo perguntou ao Chefe de Operações qual ação ele sugeria. Sua proposta era seguir até a estrada onde poderiam armar uma emboscada contra os militares que passavam por lá. Porém o Comissário Político queria o

ataque imediato aos grupos que haviam encontrado, com a destruição dos veículos e a politização dos trabalhadores. O Comandante juntou as duas ideias: a ação contra os exploradores de madeira e a emboscada na estrada. O Chefe de Operações pediu que o Comandante vigiasse Lutamos, pois desconfiava que ele pretendia traí-los. Divididos em dois, os guerrilheiros colocaram o plano em ação. Raptaram os trabalhadores, garantindo que ninguém lhes faria mal, mas deixaram escapar o português, que fugiu com o caminhão. Atearam fogo no trator e espalharam minas ao seu redor. O Comando se reuniu novamente e decidiu que ficariam com os trabalhadores por um dia, caminhando em direção ao Congo, e depois os libertariam. Dessa forma os portugueses achariam que o grupo estava se afastando, porém eles retornariam e fariam a emboscada na estrada. Essa estratégia faria com que acreditassem que havia mais de um grupo de guerrilheiros na região.

Os trabalhadores tinham maior confiança na guerrilha após descobrirem que Lutamos era da mesma tribo que eles. Mas o chefe de Operações via essa relação com desconfiança, assim como Milagre, que achava o Comandante fraco por acreditar que Lutamos estava apenas distraído quando avançava em direção a eles. A caminhada seguiu a tarde toda e os trabalhadores não fizeram qualquer tentativa de fuga, mesmo tendo oportunidade. O Comissário tentou politizar aqueles homens, explicando que eles extraíam a riqueza de suas terras, com sua própria força, para enriquecer alguém que não vivia ali, que eram os colonizadores. Os trabalhadores demonstraram apoio à ação da guerrilha. Em seguida, o Comandante comentou com o Comissário que a sua fala o lembrou do seminário, onde os padres diziam servir a Deus, porém eram cruéis com os jovens como ele. Foi por isso que ele deixou a ordem religiosa e se entregou a uma vida contrária a tudo o que a Igreja ensinava. No início ele sofreu por acreditar que era um pecador, mas após matar Deus, o Inferno e o medo do Inferno, sentiu-se em paz novamente. O Comissário não entendeu a relação que isso teria com seu discurso e Sem Medo alegou que a promessa de liberdade àqueles trabalhadores fez com que ele pensasse nisso.

Na manhã seguinte todos os pertences dos trabalhadores foram devolvidos, porém faltava uma nota de cem escudos que havia sido retirada do mecânico. Ekuikui havia ficado com o dinheiro e chorava por não

o encontrar. Os trabalhadores não se importaram com a falta, pois queriam logo retornar, e foram libertados. O Comandante juntou o grupo explicando a emboscada que fariam, lembrando que sofreriam um pouco por falta de alimento. Os guerrilheiros aceitaram a ação com entusiasmo, já que o alvo seria o exército colonial. Sem Medo ainda quis resolver a questão dos cem escudos pois os trabalhadores não poderiam ter a impressão que a guerrilha era formada por ladrões. Sendo assim pediu que quem tivesse com a nota se manifestasse, mas ninguém se pronunciou. Decidiu que todos deveriam ser revistados, deixando o Chefe de Operações contrariado, pois considerava aquilo uma injustiça. Enquanto Lutamos era revistado, o Comandante saltou no fundo do grupo, segurando o braço de Ingratidão do Tuga, que deixou o dinheiro cair: ele teve suas armas retiradas e seria julgado quando chegassem à base. O Comissário, que deveria ter guardado a nota, se dispôs a retornar ao povoado para devolver o dinheiro ao seu dono. Durante a nova caminhada o grupo parava para pescar, já que os mantimentos estavam no fim. Sem Medo aproveitava estas paradas para filosofar e reparar no comportamento de seus companheiros. Chamou Teoria e contou-lhe sobre um caso de sua infância. Um dia brigou com um menino mais velho e apanhou, fugindo de medo. A partir daí, sentiu-se mal por sua covardia, até que concluiu que era necessário ter respeito por si mesmo enfrentar novamente o garoto. Novamente ele apanhou muito, tanto que nem sentia mais os golpes, mas ainda assim não cedeu e o garoto desistiu da briga, dizendo que ele havia ganho: tornaram-se amigos desde então. O professor ouviu esta história e perguntou porque o Comandante a contava. Sem Medo perguntou se ele costumava sentir medo e Teoria confirmou. O Comandante quis saber por que ele não demonstrava isso. Teoria contou ser mestiço, que o fazia mostrar-se corajoso para provar aos demais a sua capacidade, pois sozinho ele era um covarde, mas diante dos companheiros sentia necessidade de apresentar força. Sem Medo explicou que às vezes é necessário contar a alguém sobre o que se sente, para livrar-se da angústia e viver em paz – exceto se a pessoa for um escritor, pois aí tudo vai num papel e está resolvido. Essa necessidade de confissão foi explorada pelas religiões, como o cristianismo. Teoria questionou se era possível deixar de entrar em pânico e o Comandante afirmou que o seu principal problema

era a questão racial. Quando ele percebesse que demonstrar o medo não o rebaixaria diante dos outros, então ficaria mais tranquilo. O professor perguntou se Sem Medo nunca sentia medo, e ele explicou que às vezes sim, seu maior medo era temer a morte e perder o respeito por si próprio, pois deveria ser péssimo deixar a vida com a sensação de que toda sua história é destruída em seu último instante. Depois do almoço continuaram caminhando, enfrentando montanha, chuva e frio.

Milagre ainda estava a julgar a ação do Comandante, quanto aos cem contos, como uma injustiça, pois estava dando vantagem aqueles que eram de tribos próximas à sua e desmerecendo os diferentes. Em sua opinião, o Comissário era outro que apoiava cegamente o Comandante, sempre contra o Chefe de Operações. Depois de um simples café, continuaram a caminhada até chegarem próximo à estrada. Foi possível ouvir as explosões das minas ao redor do trator, para a comemoração dos guerrilheiros. O Chefe de Operações fez um reconhecimento para planejar a emboscada e todos foram posicionados. Passaram muito tempo sem avistar qualquer soldado, os guerrilheiros adormeciam em posição e com a arma em punho, sendo acordados por Sem Medo, que passava de um em um, animando-os para o combate. O Comandante não suportava a espera. Sem Medo queria que os soldados surgissem logo para que ele despejasse toda sua angústia com os tiros de sua arma. Quando surgiu o exército, rajadas de metralhadoras e explosões da bazuca dos guerrilheiros se confundiam com os gemidos dos soldados, que revidavam insanamente contra as árvores. Sem Medo ordenou a retirada, já que não seria possível enfrentarem todos os oponentes, que eram em torno de setenta. Num local combinado, tinham somente um companheiro levemente ferido e sentiram falta do Muatiânvua. O Comandante perguntou quem seria voluntário para procurá-lo, Lutamos e Ekuikui se ofereceram, mas desta vez Teoria não havia se pronunciado e Sem Medo percebeu aí algum progresso. Depois da saída dos dois, o Comandante chamou a atenção dos demais companheiros, dizendo que ninguém mais havia se disposto a resgatar Muatiânvua pois ele era destribalizado e isso era desmoralizante. Muatiânvua logo retornou com seus dois companheiros: ele havia ficado mais tempo para contar os dezesseis corpos que haviam derrubado na estrada. Embrenharam-se na mata, onde ouviram durante toda

a noite as explosões dos morteiros dos soldados à distância. O Comissário reuniu-se com o Comandante e o Chefe de Operações para decidirem o que fazer sobre o dinheiro do trabalhador.

Sem Medo queria deixar o assunto para lá, pois era muito arriscado aproximar-se da aldeia, e tinha o apoio do Chefe de Operações. Porém o Comissário insistiu que era necessário causar uma boa impressão à população local e o Comandante acabou cedendo: o Chefe de Operações lideraria o restante do grupo para a Base, enquanto o Comissário, Sem Medo e mais quatro homens retornariam à aldeia pela manhã para encontrarem o mecânico quando ele saísse de sua casa. O plano deu certo, encontraram o mecânico, que lhes contou sobre a repercussão positiva dos ataques entre os trabalhadores e recusou a devolução do dinheiro, oferecendo-o ao MPLA. Depois de horas de marcha todo o grupo estava de volta à Base. No dia seguinte foi dia do julgamento de Ingratidão, que havia roubado o dinheiro do trabalhador. Todos os homens condenaram a atitude do companheiro e na reunião do comando, Comissário concluiu que a única pena neste caso era a de fuzilamento. O Chefe de Operações o defendeu dizendo que esta pena seria muito dura e o Comandante concordou, já que isso ainda poderia causar a revolta dos demais combatentes. O Comissário desafiou o Comandante, dizendo que ele não tinha coragem de condenar um traidor. Ingratidão foi condenado a seis meses de prisão, mas Milagre acreditava que era uma injustiça, pois o Comandante o culpava apenas por sua origem.

Capítulo 2 – A Base

A Base foi construída em uma clareira aberta no meio da floresta do Mayombe. A comida era pouca, mas havia amêndoas nutritivas que matavam a fome dos guerrilheiros. Oito novos combatentes chegaram à Base, todos muito jovens, quase sem formação. Vewê, que significa cágado, devido a sua timidez, era parente do Comandante, mas este deixava claro que não teria qualquer privilégio por isso.

Em uma das reuniões do comando, Sem Medo disse que haviam mandado novos homens, porém não enviaram mais comida. O Comandante não desejava ir ao povoado de Dolisie pedir mantimentos a André, seu

primo, pois não tinha com ele um bom relacionamento, ele não confiava que o Chefe de Operações fizesse a viagem, pois ele era parente de Ingratidão. O Comissário foi o escolhido para cumprir esta tarefa e partiu na manhã seguinte.

A maioria dos guerrilheiros estava na sala central da Base, que servia de escola, enquanto outros faziam guarda, ou eram treinados pelo Comandante. Mundo Novo, um rapaz que havia estudado na Europa, juntou-se a Lutamos, que fugia das aulas. Este dizia não ter pretensões de ser um oficial, não achando necessário os estudos, e Mundo Novo tentava convencê-lo da importância da educação para a revolução. Lutamos insistia que aqueles que estudavam não o faziam para a revolução, mas apenas por um interesse pessoal de crescimento e Mundo Novo dizia que era preciso acreditar que nem todos os homens pensavam desta maneira. Ouvindo a conversa dos dois, Sem Medo aproximou-se e argumentou que não adiantava idealizar um ser humano perfeito quando a realidade era diferente. Mas também era inútil negar a necessidade de estudar, já que essa é a única maneira de se conseguir pensar com a própria cabeça. Mundo Novo ainda tentava argumentar que grandes homens agiram desinteressadamente pela humanidade, mas o Comandante dizia que nunca conheceu um pessoalmente. Para ele os jovens idealistas tomavam esta crença na generosidade humana como uma fé religiosa que era totalmente desnecessária. Mundo Novo não acreditava no que Sem Medo lhe dizia, pois acreditava que suas ações, baseadas no que o marxismo lhe ensinou, eram totalmente desinteressadas. Em Dolisie o Comissário não encontrava André, que era o responsável pelo envio de alimentos à Base. Foi à escola onde sua noiva, Ondina, dava aulas. A relação entre eles era complicada: a mulher era mais experiente, sexualmente, deixando-o pouco à vontade e tornando as relações desprazerosas para ambos. Ela o cobrou de ficarem juntos por mais tempo, mas o Comissário dizia que precisava encontrar logo André.

Quando surgiu, André ofereceu ao Comissário 500 francos para que ele bebesse uma cerveja e convidou-o para o almoço, em que seria servida uma galinha. Esses privilégios pagos com o dinheiro do movimento revoltavam o Comissário, que sabia das necessidades que seus companheiros passavam no Mayombe. Depois de comerem, André combinou de encontrá-lo à noite

para enviar o carregamento à selva. O Comissário retornava à escola quando cruzou com Verdade, ele estava com uma mulher e dizia que não poderia partir naquela noite. O Comissário foi inflexível, dizendo que Verdade não poderia ficar, mas sentiu-se culpado pois ele mesmo planejava permanecer mais dias em Dolisie, também por conta de uma mulher.

Ao encontrar com Ondina, fizeram amor mais de uma vez, mas os dois estavam mentindo um ao outro, dizendo estarem sentindo prazer. A moça acreditava que com o tempo seu noivo iria se descontraír e a relação melhoraria. O Comissário passou a reclamar do comportamento de André, que não se preocupava com as condições dos guerrilheiros, e Ondina disse não ter a mesma opinião sobre ele. Enfim o Comissário contou-lhe que partiria na mesma noite, por não ter mais nada o que resolver ali, e Ondina reclamou, pois desejava ficar mais tempo com ele. André havia levado poucos mantimentos, o suficiente para dois dias somente, e sugeriu que o Comissário ficasse na cidade para levar uma quantidade maior nos próximos dias. O Comissário, no entanto, não suportava mais ficar distante de sua Base, onde o movimento era realmente levado a sério, e disse que partiria imediatamente. Chamado para o jantar, o Comissário ressaltou que havia comido galinha no almoço, portanto não precisava comer novamente, e ainda iria usar os 500 francos que ganhou para comprar comida para seus companheiros, dessa forma deixava clara sua insatisfação com André. O Comissário soube que Verdade fora autorizado por André para permanecer mais dias em Dolisie. O retorno à Base foi feito com pressa e raiva. Ao saber de todos os ocorridos, Sem Medo riu do Comissário, dizendo que ele havia sido muito severo consigo, pois poderia ter ficado em Dolisie, já que não havia qualquer atividade urgente na Base, além de que, com certeza, ninguém enviaria mais mantimentos, sendo necessária a ida de mais um homem para a cidade. O Chefe de Operações ainda havia caçado uma cabra, e a carne os manteria por mais alguns dias. O Comissário foi tomar banho e o Comandante o acompanhou. Ele perguntou sobre Ondina e comentou que estranhava o relacionamento dos dois, questionando sobre a questão sexual. O Comissário demonstrava que havia algum problema e Sem Medo pensava que a única forma de ele entender Ondina seria deitando-se com ela, mas afastava este pensamento, já que ela não o interessava.

Por outro lado, dava dicas de como manter uma mulher conquistada permanentemente, ressaltando que não havia uma resposta tão clara, já que a teoria é diferente da prática, assim como ocorre na guerra. Sobre André, o Comandante disse que ele próprio iria a Dolisie para resolver a questão e o Comissário sugeriu que ele também procurasse Ondina, para talvez ajudá-lo em seu relacionamento. Sem Medo foi deitar-se pensando na moça, que havia se oferecido para ele quando chegou à cidade, mas não lhe interessou justamente pela facilidade com que a teria.

O jovem guerrilheiro, Vewê, veio ao Comandante e sentou-se na sua cama. O Comandante questionou se o garoto havia perdido o medo ou a vergonha, por fazê-lo sem pedir licença, ou ainda se achava que tinha este direito por ser seu parente. O rapaz negou, dizendo que apenas o fazia pois entendia que o Comandante tinha o mesmo direito de sentar-se em sua cama, se o quisesse. Sem Medo admirou a postura de Vewê e o elogiou, porém percebeu que o jovem olhou para a janela, onde outros guerrilheiros se amontoavam para assistir a cena: tudo não passava de uma aposta que havia sido feita. Enfurecido, o Comandante expulsou grosseiramente Vewê do local. Assistindo o que se passou, o Comissário exaltou-se com Sem Medo, dizendo que ele não poderia falar daquela maneira com um combatente. Teoria entrou na cabana do chefe de grupo Kiluanje, onde estavam Milagre, Pangu-AKitina e Ekuikui, além de outros guerrilheiros. Após assistirem à discussão entre o Comandante e o Comissário, eles alimentavam uma rusga entre kikongos e kibundos, duas tribos das quais os chefes se originaram, respectivamente. Percebendo a tensão crescente na conversa, o professor tentava encerrar a discussão, porém os ânimos se exaltaram cada vez mais, até a chegada do Chefe de Operações, que ouviu os gritos e dispersou o grupo. Teoria ficou contente consigo, pois ele havia vencido seu medo ao se intrometer na discussão, ao invés de evitar o confronto, como faria normalmente. Novo Mundo também vira a discussão entre os chefes e imaginou que estava surgindo aí um conflito que poderia alterar o equilíbrio de forças na organização: finalmente o Comissário iria se opor ao Comandante junto ao Chefe de Operações, podendo destituir o seu poder. No dia seguinte André não havia enviado mais mantimentos. Sem Medo chamou Lutamos e Muatiânvua para fazerem uma patrulha. Quando

estavam no deserto, em uma montanha que não era coberta por árvores, o Comandante perguntou aos guerrilheiros o que havia acontecido na base que alterara o ânimo de todos. Eles revelaram que havia desconfiança de que o Comando estava se dividindo e que assim os companheiros também se dividiam, defendendo a um ou outro. Sem Medo esclareceu que a discussão que ocorrera era normal e que não poderia ser motivo de desentendimento entre os combatentes. Voltando à Base, o Comissário chamou o Comandante para acertarem-se sobre o ocorrido do dia anterior. Sem Medo não achava necessário desenterrar o assunto, mas o Comissário insistiu, defendendo que a discussão aberta fora um erro e deveria ter sido travada em uma reunião do Comando. Sem Medo argumentou que, pelo contrário, era interessante que os chefes declarassem suas divergências sem considerar isso um pecado e sem esconder a verdade de suas bases. O Comandante desconfiava da estrutura do movimento, que formava militantes que não aceitavam serem criticados: isto, futuramente, poderia resultar em um partido e um governo totalitário. Para Sem Medo o intelectualismo dos dirigentes os afastam da condição de trabalhadores, portanto dizer que pode haver um governo do proletariado se torna uma mentira. Por isso ele não se imaginava tornando-se um quadro político numa futura Angola independente.

O Comissário discordava, mas compreendia a posição do Comandante, a quem enxergava como um homem solitário. Retornaram aos problemas da Base, como a rixa entre kikongos e kibundos, que poderia estar sendo alimentada pelo Chefe de Operações, com ambições de poder. Definiram que era melhor deixar as coisas fluírem, realizando uma nova operação em breve: quando o povo de Cabinda aderisse ao movimento, o tribalismo perderia espaço. Para isso precisavam de mais comida e enviariam o Chefe de Operações a Dolisie para conversar com o André. Muatiânvua, que fora marinheiro e tivera contato com diversos povos da África, não podia tolerar o sentimento tribalista que crescia na Base.

Capítulo 3 – Ondina

O ânimo dos guerrilheiros se alterava, inflamando as brigas tribalistas. O Comissário agia com cautela nas discussões, evitando uma revolta na Base, e recebia críticas de Mundo Novo, que considerava necessária uma posição mais severa do Comando. O Comissário foi à cabana de Sem Medo e lhe contou sobre as reclamações de Mundo Novo. O Comandante entendia que o guerrilheiro tinha aquela posição por levar muito à risca o que estava escrito nos livros, mas se distanciando da realidade. O problema maior era a falta de abastecimento da Base e a ideia de uma revolta para tirar André do poder parecia a única solução possível. Teoria dava aula e Sem Medo treinava os novos recrutas quando chegou o Chefe de Operações com o reabastecimento e uma notícia importante. André estava fugido, após ter sido pego no meio do capim com Ondina. A moça havia enviado uma carta para ser entregue ao seu noivo, o Comissário. Um membro da Direção do movimento estava a caminho para resolver a situação. A questão tribalista vinha à tona novamente, já que André era kikongo e havia ficado com a noiva de um kimbundo. O Comandante e o Comissário haviam sido chamados à cidade também. Após ler a carta, o Comissário se arrumou para ir a Dolisie. O Comandante o seguiu, argumentando que era tarde e seria melhor aguardar até o dia seguinte para partirem. O Comissário insistiu que queria ver logo Ondina para acertar sua situação: na carta ela dizia que iria embora de Dolisie. Quanto a André, deixaria que o Movimento o julgasse. Sem Medo ouviu o Comissário, deixou-o chorar, e o persuadiu para que retornassem à Base. Os guerrilheiros já almoçavam, mas o Comissário recusou seu prato. O Comandante o convidou para ouvir sua história pessoal: foram ao rio, onde teriam privacidade. Sem Medo vivia em Luanda com uma moça chamada Leli. Um dia ela assumiu que estava apaixonada por outro homem e Sem Medo a dispensou, imaginando que ela precisava ter contato com o outro para sentir falta dele. Após certo tempo Leli se entediou com seu novo companheiro e procurou por Sem Medo, mantendo um relacionamento com ele por dois meses. Agora, porém, ele havia se acostumado à vida de solteiro e se encontrava com diversas mulheres, dispensando Leli novamente. A jovem acusou-o

de de ser orgulhoso e passou a segui-lo. Nessa época Sem Medo foi ao Congo lutar no movimento e Leli foi atrás dele, mas acabou raptada e morta por outra organização, já que ela era mestiça. Enfim, o Comandante carregava o peso da morte de sua antiga companheira e nunca mais conseguira aproximar-se de uma mulher para um compromisso sério. Os dois continuaram conversando sobre a experiência amorosa do Comandante, sobre a necessidade de reinventar-se para manter um romance aceso. O Comissário se acalmou e aceitou melhor a ideia de esperar até o próximo dia para se resolver com Ondina. Pela manhã ambos partiram da Base. Chegando a Dolisie o Comissário foi à escola enquanto o Comandante foi ao *bureau* da organização. Lá encontrou o membro da Direção e André, que temia ser atacado pelos kimbundos. O dirigente relatou que o problema do tribalismo acontecia em todas as regiões e precisava ser enfrentado. Quanto à falta de suprimentos, a Direção não estava recebendo esta informação, por isso não havia tomado qualquer atitude. A camarada Ondina deveria ser removida para outra localidade, posição que era contrariada por Sem Medo, já que ele acreditava em um acerto dela com o Comissário. André precisava ser substituído e Sem Medo cuidaria de Dolisie até que fosse escolhido um novo responsável.

O Comandante sugeriu que Mundo Novo e Teoria eram boas opções, desde que ganhassem mais experiência, e mesmo que houvesse alguma incompatibilidade entre ele e Mundo Novo. O dirigente também adiantou que Sem Medo seria transferido em breve para uma nova Região, o que o animou, pois estava desmotivado com a lentidão das ações em sua Base. Enquanto isso o Comissário chegava ao quarto de Ondina. Ele perguntou detalhes do que ocorrera com André e em seguida afirmou que ela não precisava ir embora. Como Ondina insistia em partir, o Comissário a agarrou e trançou brutalmente com ela. Pela primeira vez ela sentia-se satisfeita com ele, mas isso não era suficiente para prometer que permaneceria em Dolisie. O Comissário foi ao Comandante afirmando que havia se acertado com Ondina. Sem Medo, entretanto, questionou se o caso com o André não o perturbaria futuramente e o Comissário ficou inseguro, pedindo que o colega fosse conversar com sua noiva. Sem Medo não achava bom este contato e esperava que o Comissário percebesse que a mulher não o queria mais.

André foi encaminhado a Brazaville, onde seria julgado. Ele acreditava que tudo era uma armação dos kimbundos para tirá-lo do poder, com o apoio de Sem Medo: Ondina era apenas uma isca, que, no entanto, gostou de se entregar a ele. Agora Sem Medo teria que se responsabilizar pela fuga de Ingratidão da cadeia, que também era kimbundo. André estava tranquilo quanto ao seu julgamento: bastava realizar uma boa autocrítica, conforme a teoria socialista mandava, e estaria absolvido. Sabendo da fuga de Ingratidão, Sem Medo iniciou um interrogatório com os guardas da prisão, mandando prender aqueles que poderiam ter ajudado-o a fugir. Em seguida foi ao bureau, onde Ondina passaria a viver até que fosse resolvido seu destino. O Comandante a ouviu, compreendendo que estava decidida a deixar seu noivo, e relatou isso ao Comissário. O homem enfureceu-se, pois esperava alguma ajuda de Sem Medo, e o insultou como traidor. Sem Medo foi a um bar, tomou algumas cervejas, e retornando ao *bureau* encontrou Ondina atormentada: o Comissário havia brigado com ela, dizia que não se tornaria um homem solitário como Sem Medo e seguiu rumo à Base, pela qual ele seria responsável dali em diante; ele afirmava que o Comandante construira um mito em torno de si e que ele o destruiria. Sem Medo entendeu como positiva a postura tomada pelo Comissário, que estava amadurecendo, e uma hora entenderia que ele próprio havia criado o mito ao qual se referia.

No dia seguinte Sem Medo recebeu um velho militante do MPLA, que atuava na fronteira. Ele informou que os tugas (portugueses, colonialistas) haviam se estabelecido no Pau Caído, uma antiga base guerrilheira que era muito próxima da atual. O Chefe do Depósito, que também era a cadeia, confirmou que esta situação era muito preocupante. O Comandante mandou que todos limpassem suas armas. O Chefe de Depósito era um camponês sem terra. Ele entendia que a lentidão na revolução era causada por traidores do movimento, e isso não era questão de tribalismo: havia traidores de todos os lados. Ele confiava em Sem Medo e faria de tudo para acabar com a exploração colonial.

Capítulo 4 – A Surucucu

Depois de um longo dia sem notícias da Base ou da fronteira, Sem Medo iniciou uma longa conversa com Ondina, única pessoa presente no bureau. Falaram sobre a revolução, sobre a monotonia do trabalho administrativo quando havia o desejo de guerrear, sobre as transformações morais que almejavam na sociedade. Acabaram discutindo sobre a questão sexual, do casamento e da traição, ambos invejando aqueles que se diziam livres do ciúme. Acabaram se beijando e indo para a cama.

Ondina contou que só tivera prazer com ele na última vez, quando fora forçada. Sem Medo sugeriu que eles poderiam voltar com o noivado, mas a moça dizia que isso não era mais possível. Ondina ainda indicou que poderia, sim, unir-se a Sem Medo, pois ele era um homem pelo qual ela seria dominada, mas o Comandante negou que tivesse essa intenção. Bateram à porta do quarto com gritos de que a Base havia sido atacada. Ondina escondeu-se e Sem Medo recebeu Vewê que, desesperado, contava sobre a ocorrência: os guerrilheiros souberam da ocupação dos tugas no Pau Caído e já se preparavam para um combate; um grupo liderado pelo Chefe de Operações fazia uma patrulha enquanto os demais cavavam abrigos; Vewê ouviu tiros e gritos de “apanha vivo, apanha vivo!”, e foi em busca de sua pistola; estranhamente os companheiros correram em direção ao local de onde vinham os tiros e Vewê procurou pelo grupo que fazia a patrulha, alertando-os do ataque, e seguiu depois para Dolisie. O Comandante não entendia o comportamento dos guerrilheiros, que foram em direção ao local do ataque, e também achou estranho que os tugas atacassem somente por um dos lados. De qualquer forma, o Chefe de Operações iria aguardá-lo na cascata para armarem um contra-ataque à Base e Sem Medo deu andamento ao plano: chamou todos os companheiros que estavam no Depósito e distribuiu armas aos civis que se dispuseram a participar da batalha. Ondina preocupava-se com João e pediu a Sem Medo que o salvasse a todo custo.

O grupo, formado por trinta homens, cruzou rapidamente a selva do Mayombe, até encontrarem-se com a equipe do Chefe de Operações, que tinha mais nove combatentes. O ataque dos tugas continuava sen-

do um mistério, já que os caminhos que levavam do Pau Caído à Base estavam sendo patrulhados. O Das Operações suspeitava de uma traição de Lutamos, mas Sem Medo duvidava disso. A marcha continuou, muito demorada devido aos desvios das trilhas mais usadas. Mundo Novo elogiou Sem Medo pela rapidez com que organizou um número tão grande de combatentes e mencionou o esforço de Vewê em caminhar por tanto tempo, sem descanso. O Comandante percebeu a intenção do jovem em retomar a discussão sobre a briga que ele tivera com seu parente e ressaltou que sabia valorizar um bom guerrilheiro. Chegando próximo a Base, o Comandante, o Chefe de Operações e Mundo Novo discutiam qual a melhor estratégia a se tomar. Escolheram esperar o amanhecer do próximo dia para atacar. Sem Medo apreciava a atitude de Mundo Novo se posicionar como membro do Comando, encarando isso como um bom sinal. No momento combinado, o grupo se dividiu em dois: o Comandante lideraria alguns homens pelo rio e o Chefe de Operações lideraria outros pelo lado da montanha. No rio Sem Medo e Mundo Novo surpreenderam-se com um mestiço que se banhava, de costas para eles. Não podiam atirar, pois isso alertaria os tugas, e tentaram uma aproximação silenciosa para apunhalarem o inimigo. Uma grande surpresa ocorreu quando o homem se virou, pois, era Teoria.

Questionado sobre a situação da Base o professor negou que houvesse ocorrido qualquer ataque e todos se reuniram aliviados. O Comissário esclareceu o que havia acontecido: uma surucucu estava prestes a atacar Teoria, que atirou na cobra. Antes que ele pudesse avisar sobre o incidente, Vewê já havia saído em busca de ajuda. O jovem pediu desculpas pela confusão que causara, mas o Comandante minimizou o equívoco e parabenizou o rapaz pela coragem demonstrada, ainda que sem motivo. Sem Medo ainda riu da trapaçada e comemorou que ao menos serviu para perceberem como era possível reunirem um grande número de combatentes em uma situação de risco. No julgamento do caso Teoria foi levemente punido por ter utilizado a arma sem necessidade e Vewê foi absolvido pela maioria dos combatentes. O Comando decidiu que era necessário atacar Pau Caído o quanto antes, pois os tugas representavam uma grande ameaça se permanecessem ali. Após o caso, o Chefe de Operações admirava a habilidade de Sem Medo em unir tantos homens sob seu

comando e, mesmo com uma operação desastrosa, saber tirar proveito da situação elogiando a todos pela bravura demonstrada. Assim o Comandante passou a ser valorizado por todos na Base e em Dolisie.

Capítulo 5 – A Amoreira

Sem Medo retornou a Dolisie com os civis enquanto o Comissário iria chefiar a operação de ataque ao Pau Caído. Porém ele recebeu uma mensagem da Direção. Mundo Novo era nomeado chefe em Dolisie e o Comandante retornaria à Base para o ataque, sendo que em breve seria transferido para o Leste. Mundo Novo chegou surpreso à Dolisie, ainda mais quando soube que o Comandante havia apoiado sua escolha como responsável. Sem Medo explicou que eles tinham pensamentos diferentes, porém ambos eram necessários à revolução. À noite, um novo camarada veio apresentar-se a Sem Medo: era o mecânico que fora raptado na operação anterior e ao qual foi feita a tentativa de devolução do dinheiro. Ele explicava que o movimento ganhava apoio da população e que ele queria tornar-se um guerrilheiro. Sem Medo foi ao quarto de Ondina e ela disse que o esperava. Fizeram amor diversas vezes, intercalando conversas sobre o futuro dos dois, sendo que Ondina imaginava viver com ele no Leste, enquanto o Comandante sugeria que ela reatasse com João, o Comissário. No dia seguinte, Sem Medo e mais um grupo de combatentes seguiu à Base. O Comandante foi recebido com frieza pelo Comissário, que ansiava por cuidar daquela operação.

Sem Medo contou que sua transferência para o Leste se daria em breve e sugeriu que o Comissário liderasse o ataque ao Pau Caído, para que ganhasse experiência no cargo. O Comando se reuniu para planejar a manobra: um grupo liderado pelo Chefe de Operações usaria morteiros e bazucas para o ataque inicial; o outro grupo, liderado pelo Comissário, ficaria do lado oposto, para enfrentar os oponentes que tentariam fugir. Sem Medo estaria no segundo grupo. Lutamos, único cabinda entre os guerrilheiros, sentia que era preciso demonstrar sua coragem neste combate para provar aos companheiros de outras tribos que o tribalismo era uma besteira. Os homens avançaram ao Pau Caído e dormiram na sua proximidade para atacarem pela

manhã. Sem Medo mal dormiu, pensando em Ondina: estava quase sendo dominado por aquela mulher. Era de madrugada quando todos se levantaram e dividiram os grupos conforme planejado. Os morteiros e tiros de bazuca acertavam o acampamento dos tucas em cheio. Os soldados que se salvavam tentavam fugir na direção em que o segundo grupo estava posicionado: tudo corria dentro do imaginado. Porém o Comissário, tentando demonstrar bravura, se adiantou de forma arriscada e ficou prestes a ser massacrado pelos oponentes. Vendo a situação, Lutamos foi na mesma direção, mas foi acertado na cabeça pela arma dos colonialistas. O Comandante assistia a tudo como se fosse um filme, sem acreditar na imprudência do Comissário, e viu que precisava tomar uma atitude: ordenou que o grupo avançasse e foi atingido por uma rajada de tiros em seu ventre. Os guerrilheiros davam fim ao resto dos soldados e o Comissário ficou a cuidar de Sem Medo.

Quando a luta estava finalizada o Comandante pediu informações sobre as perdas que sofreram: um morto, Lutamos, e dois feridos. Ele dizia que seria mais um a morrer, mas o Comissário pedia que não. Sem Medo ainda o orientou que voltasse com Ondina, pois ela o amava, e contou sobre o mecânico, que se juntava ao MPLA graças à ação que ele havia proposto, para devolver seu dinheiro: a revolução avançava. Uma amoreira gigante soltava flores brancas sobre o corpo de Sem Medo, que admirava a grandeza de seu tronco: olhando suas folhas, elas se misturavam às das outras árvores, não sendo possível calcular sua grandiosidade, mas o tronco robusto era o que a tornava única. Assim também eram os homens. Os tucas jogavam morteiros pela região e os guerrilheiros ansiavam por retornar à Base, mas o Comissário fez questão de cavarem um túmulo para Sem Medo e Lutamos. O Chefe de Operações ressaltou o simbolismo daquele combate: Lutamos, um cabinda, e Sem Medo, um kikongo, morreram pelo Comissário, que era kimbundo.

Epílogo

O Comissário reflete sobre a transformação que sofreu com a morte do Comandante, cuja existência pareceu se dar fora de seu tempo, como ocorre à maioria dos heróis. Ele foi enviado a Bié, a mil quilômetros do

Mayombe, no lugar de Sem Medo. Herdou dele também a sabedoria sobre a distância que há entre a verdade e a mentira, que se assemelha a um “caminho no deserto”: não é algo tão claro como um trilha amarela em meio ao verde do Mayombe, conforme alguns acreditam.

APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

1. A amoreira gigante está à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata e o homem percorre seu tronco com os olhos: a folhagem da árvore mistura-se à profusão de tons verdes que o encerra na mata. Só o tronco da árvore se destaca, se individualiza. Tal é o *Mayombe*: os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

PEPETELA. *Mayombe*. Luanda: Edições Maianga, 2004. p. 266.

O texto apresenta uma organização lógica que possibilita seu entendimento. A relação linguística que auxilia na coerência e na coesão do texto consiste na

- a) retomada dos termos integrantes da oração.
 - b) disjunção entre o todo e suas partes.
 - c) negação de afirmações absolutivas.
 - d) identidade entre as ideias centrais.
2. Leia o trecho em que a voz narrativa pertence ao personagem Milagre (EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE):

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa.

Agora leia um trecho do solilóquio do personagem Muatiânvua (EU, O NARRADOR, SOU MUATIÂNVA), que antes de entrar na guerrilha foi marinheiro:

Querem hoje que eu seja tribalista! / De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? não falo eu o swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O

português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? / [...] / Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu, ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo (mas não é a praia uma margem?), eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força.

Contrapondo os dois trechos, pode-se afirmar que:

- a) a rivalidades entre os grupos étnicos são um dos temas mais constantes no romance.
 - b) Além da presença da oposição entre quimbundos e quicongos, há o grupo dos destribalizados e dos que, de algum modo, superaram o tribalismo.
 - c) Só estão presentes nas rivalidades entre os diferentes grupos étnicos angolanos, que não podem ser encontradas nas relações humanas de maneira geral.
 - d) Embora haja, com as mortes de Sem Medo e de Lutamos, uma celebração romântica do herói que dá a vida pela causa, o que também inclui uma didática lição contra o tribalismo, em nenhum momento os personagens são idealizados
3. Sobre a obra de Pepetela, *Mayombe* é incorreto afirmar:
- a) Uma particularidade da obra de Pepetela é a polifonia. Em *Mayombe*, por exemplo, há vários narradores que dialogam entre si, compondo toda a narrativa, nos apresentando diversos pontos de vista, dando certa movimentação ao romance.
 - b) Em várias obras do autor, existem temáticas que abordam a questão das torturas, porém, a forma como é exposta na narrativa não aponta para uma grande brutalidade física, ou seja, para o autor, a tortura moral é mais agressiva e nauseante que a física (a alienação, por exemplo).
 - c) Sobre a questão da angolanidade, o autor vai valorizar e respeitar a terra, as tradições, as ambiguidades, as características mais próprias, para poder contribuir, de uma forma justa e positiva, para o desenvolvimento da nação
 - d) Para o ficcionista, o fim do colonialismo é garantia de mudança no sistema político e social, sem necessidade de uma transformação das ideias e dos comportamentos, para a construção de uma nação livre e mais justa.

4. **Em relação às principais temáticas exploradas no romance, podemos destacar quais questões?**

- a) a questão do tribalismo; da veemente crítica ao regime colonial, mas também a postura do MPLA na guerra; as problemáticas sociais, políticas e econômicas que envolvem a manutenção da guerra; as diferentes posturas e intenções ideológicas dos guerrilheiros com a própria guerrilha; a formação da identidade nacional pós jugo colonial
- b) a questão do tribalismo; as problemáticas sociais, políticas e econômicas; as diferentes posturas e intenções ideológicas dos guerrilheiros com a própria guerrilha; colonialismo
- c) crítica ao regime colonial, as problemáticas sociais, políticas e econômicas, formação da identidade nacional pós jugo colonial, além da questão do exílio e só após a independência retornar ao país
- d) a postura do MPLA na guerra; as problemáticas sociais, políticas e econômicas que envolvem a manutenção da guerra; a diversidade étnica angolana e as divisões tribais; a afirmação da identidade e no resgate dos sonhos perdidos

5. **Teoria, primeira personagem-narrador do romance, nos aparece como a figura mais emblemática da crítica social e étnica promovida pelo autor, bem como é quem nos apresenta a problemática da formação identitária em Angola no contexto da guerra, denunciando o racismo e o tribalismo em território nacional. Sobre essa personagem é incorreto afirmar:**

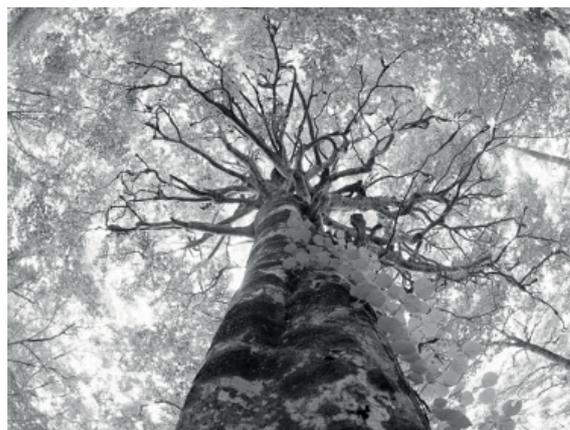
- a) A guerra acaba gerando um conflito étnico, que busca resgatar aqueles valores de pureza e tradição, num mundo já permeado pelo multiculturalismo e pluralidade social. Ele milita pelo direito de sua angolanidade híbrida, mestiça, que não deixa de sonhar com uma Angola livre, renovada, moderna, porém, reconhece a necessidade de viver essa experiência para o futuro amadurecimento dos verdadeiros valores da nação.
- b) Teoria é filho de mãe negra angolana e pai branco português, o que o coloca numa situação de não pertencimento, de uma identidade híbrida, que vive em constante revisão e reinterpretção da sua subjetividade e do seu papel social.
- c) Ele não consegue compreender a heterodoxia dialética do seu Comandante, por isso, jamais seu Mundo será novo. É vaidoso, extremista, defeito de sua personalidade vaidosa e pequeno-burguesa. É através da fala desta personagem que vamos descobrindo o universo de opressão e deslocamento que

vivenciam os mestiços em Angola, denunciada e desmascarada pelo contexto da guerra.

- d) O trauma da mestiçagem é tão explícito na vivência da personagem, que mesmo o fato de estar numa posição privilegiada na guerrilha, por ser professor, e ter a incumbência da formação educacional dos guerrilheiros, não diminui o sentimento de segregação que vivencia, fortalecendo ainda mais a sua luta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Observe a imagem e leia o texto, para responder à(s) questão(ões).



Amoreira africana.
<https://www.google.com.br>

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do *Mayombe*, misturando-se às folhas em decomposição.

[...]

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o *Mayombe*, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

[...]

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

Pepetela, *Mayombe*.

6. (Fuvest 2017) Consideradas no âmbito dos valores que são postos em jogo em *Mayombe*, as relações entre a árvore e a floresta, tal como concebidas e expressas no excerto, ensejam a valorização de uma conduta que corresponde à da personagem

- a) João Romão, de *O cortiço*, observadas as relações que estabelece com a comunidade dos encortiçados.
- b) Jacinto, de *A cidade e as serras*, tendo em vista suas práticas de beneficência junto aos pobres de Paris.
- c) Fabiano, de *Vidas secas*, na medida em que ele se integrava na comunidade dos sertanejos, seus iguais e vizinhos.
- d) Pedro Bala, de *Capitães da Areia*, em especial ao completar sua trajetória de politização.
- e) Augusto Matraga, do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Sagarana, na sua fase inicial, quando era o valentão do lugar.

GABARITO

1. B 2. A 3. D 4. A 5. C

6. D